

# IV Intercâmbio do Projeto de Desenvolvimento Rural Sustentável- PDRS



**Subprojetos Ambientais**

**São Pedro- SP**

**18 a 20 de setembro de 2017**



## SUMÁRIO

1. Introdução.....	2
2. Informações gerais.....	2
2.1 Organizações participantes.....	2
2.2 Programação.....	3
3. Metodologia de trabalho .....	5
4. IV Intercâmbio do Projeto de Desenvolvimento Rural Sustentável- PDRS- Subprojetos Ambientais.....	6
4.1 Registros do primeiro dia.....	6
4.2 Registros do segundo dia.....	8
4.3 Palestras.....	13
4.4 Registros do terceiro dia: palestras, vídeos e feira de troca de sementes.....	14
5. Avaliação do evento.....	17
ANEXOS.....	21
Anexo I- Lista de presença	
Anexo II- Relatorias	
Anexo III- Apresentação: “Contexto atual do mercado com foco na agricultura familiar”	
Anexo IV- Apresentação: “Mercado de restaurantes e afins para produtos orgânicos e agroflorestais”	
Anexo V- Apresentação: “Metodologias de garantia de qualidade e certificação orgânica”	
Anexo VI- “Núcleos de trabalho de agroecologia/ Experiências de certificação: Horto Bela Vista/Iperó”	
Anexo VII- Resultados PDRS	

## 1. INTRODUÇÃO

Entre os dias 18 e 20 de setembro, aconteceu no município de São Pedro o IV Encontro de Intercâmbio do Projeto de Desenvolvimento Rural Sustentável – PDRS – Microbacias II. O objetivo do evento foi reunir os participantes dos Subprojetos Ambientais do PDRS, entre técnicos, agricultores e parceiros, para refletir sobre os resultados e as possibilidades dos subprojetos apoiados.

O evento, que contou com a participação de 91 pessoas, com representantes de 23 organizações conveniadas, constituiu uma oportunidade muito importante de trocas, em atividades referentes aos resultados do projeto e a seus encaminhamentos, à certificação orgânica, ao contexto do mercado e ao acesso a ele, com foco na agricultura familiar. Houve troca de sementes entre as organizações, apresentação de fotos e vídeos e foram desenhados os “rios da vida”: desenhos coletivos das mudanças trazidas pelo projeto na realidade de cada organização de agricultores, com facilitadores, dificuldades e aprendizados encontrados no desenvolvimento das atividades.

Entre os resultados apresentados nas dinâmicas, evidenciaram-se o aprendizado para a ação de forma coletiva, a inovação e flexibilidade na construção de distintos arranjos para viabilizar assistência e orientação técnica aos agricultores, a organização e diversificação da produção, a ampliação da autonomia e empreendedorismo dos agricultores e organizações, a qualificação em questões administrativas e de produção do pessoal de cada organização e dos técnicos envolvidos, a sensibilização, a quebra de paradigmas, a valorização das árvores na paisagem acrescida do objetivo de discutir a trajetória dos projetos apoiados pelo PDRS, identificar seus resultados e discutir alternativas de comercialização e agregação de valor dos produtos desses projetos.

## 2. INFORMAÇÕES GERAIS

### **2.1 Organizações participantes**

A listagem das organizações participantes, assim como as instituições parceiras, encontram-se abaixo:

<b>Organizações Participantes</b>
Akarui

Associação Antonio Conselheiro do P.A. Antonio Conselheiro
Associação Beira Rio - ASBR
Associação dos Assentados da Estrela Dalva
Associação dos Empresários Rurais de Pedro de Toledo
Associação dos Pequenos Produtores Rurais do Projeto de Assentamento Engenho II
Associação dos Produtores Rurais Renascer – APRREN
Associação Entre Amigos
Associação Nova União do Assentamento Simon Bolívar
Associação Ouro Verde
Associação Regional de Desenvolvimento Agrário – ARDA
Cooperativa da Agricultura Familiar de Sete Barras – COOPAFASB
Cooperativa de Produtores Rurais de Ipanema - COPRIR
Cooperativa dos Agricultores Familiares de 16 de Maio – COOPMAIO
Cooperativa dos Produtores Campestinos - COPROCAM
Cooperativa dos Produtores Rurais Entre Serras e Águas
IPÊ - Instituto de Pesquisas Ecológicas
Pau Brasil
Dom Helder
Cooperafloresta

<b>Relação de instituições parceiras</b>		
Coordenadoria de Assistência Técnica Integral- CATI		
Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária- EMBRAPA		
Escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiroz"- ESALQ		
Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária- INCRA		
Instituto de Pesquisas Ecológica- IPE		
Fundação Instituto de Terras do Estado de São Paulo- ITESP		
Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento- MAPA		

A lista de participantes (Anexo I), encontra-se nas últimas páginas do relatório.

## **2.2 Programação**

18 de setembro, segunda-feira		
13h	14h	Almoço
14h	14h45	Abertura dos trabalhos – Equipe PDRS Instrução quanto às dinâmicas que serão utilizadas
14h45	16h15	Trabalho em 5 grupos <ul style="list-style-type: none"> <li>• 14h45 – 15h15: Rio da Vida de cada organização</li> <li>• 15h15 – 15h30: Apresentação para o Grupo</li> <li>• 15h30 – 16h15: Rio da Vida do Grupo</li> </ul>
16h15	16h30	Café/Intervalo

16h30	18h	Continuação Rio da Vida
19h	20h	Jantar

19 de setembro, terça-feira		
7h30	8h30	Café
8h30	10h30	Apresentação do Rio da Vida Organizações
10h30	10h45	Café/intervalo
10h45	11h15	Apresentação Rio da Vida PDRS e instituições parceiras
11h15	11h30	Contextualização da situação do mercado de produtos agrícolas, com foco na Agricultura Familiar –Convidado: João Dagoberto dos Santos - IPEF
11h30	12h	Burburinho
12h	12h30	Debate
12h30	14h	Troca de sementes
12h30	14h	Almoço
14h	15h	Manuela Santos –Fundação Getúlio Vargas – Gerente do Projeto Bota na Mesa (Trabalho e gestão coletiva na perspectiva de acesso ao mercado)
15h	15h45	Debate
15h45	16h	Debate
16h	16h15	Café/intervalo
16:15h	17:15 h	Economia solidária: experiências de consumidores urbanos e organizações de agricultores familiares Mesa: Grupo de consumo responsável “Rede Guandu” (Piracicaba), COPROCAM (Assentamento Dandara/Promissão) e Quitanda Horta Livre (Dom Helder/Ribeirão Preto)
17:15h	17h30	Burburinho
17h30	17h45	Debate
17h45	18h15	Fabiana Sanches - Escola de Ecogastronomia– Mercado de restaurantes e afins para produtos orgânicos e agroflorestais
18h15	18h30	Discussão
19h	20h	Jantar

20 de setembro, quarta-feira		
------------------------------	--	--

7h30	8h30	Café
8h30	9h	Marcelo Laurino – Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento – Metodologias de garantia de qualidade e certificação orgânica
9h	9h30	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Burburinho: até 9h15</li> <li>• Perguntas e Debate: até 9h30</li> </ul>
9h30	10h	Apresentação dos trabalhos dos Núcleos de Agroecologia – Fernando S. Franco - (UFSCar – Sorocaba)
10 h	10h15	Debate
10h15	11h30	Relatos de experiências de certificação. Horto Bela Vista/Iperó. Maria Rodrigues (Agricultora) e Fernando S. Franco (UFSCar – Sorocaba); Agricultor certificado da CAISP (Ibiúna)
11:30h	12h	Até 11h40: Burburinho Até 12h: debate
11h45	12:30h	Exposição de vídeos, publicações e materiais produzidos pelas organizações
12h30	14h	Almoço

### 3. METODOLOGIA DE TRABALHO

A metodologia consistiu na criação de ambiente favorável à de experiências com os diversos grupos das associações beneficiárias do Projeto de Desenvolvimento Rural Sustentável.

Após a abertura do ente os participantes foram divididos em cinco grupos (guandu, gliricídia, ingá, crotalaria, margaridão). No primeiro momento, houve a montagem dos “rios da vida” de cada organização (metodologia que consiste em apresentar através do desenho de um rio, como o projeto se desenvolveu, desde a nascente até a foz). Finalizados os rios individuais, com a ajuda de um facilitador, os grupos montaram os rios coletivos, verificando os pontos em comum nos projetos e suas particularidades, podendo observar sua evolução e fortalecimento. A exposição dos rios ocorreu no 2º dia de trabalho, no qual todos os presentes se acomodaram em círculos e cada grupo apresentou o rio coletivo confeccionado. Foi também constituído um grupo institucional incluindo Incra, ITESP, SMA, CATI e Embrapa para registrar num os desafios, etapas vencidas e resultados ao longo do projeto.

As atividades seguiram com palestras de convidados: Manuela Santos- FGV do Projeto Bota na Mesa, Fabiana Sanches- Escola de Ecogastronomia, Marcelo Laurindo- MAPA. E ainda apresentações de parceiros (Fernando Silveira Franco- UFSCar/ Sorocaba e João Dagoberto dos

Santos- ESALQ) e de representantes das organizações conveniadas ao projeto (Joice Lopes- COPROCAM, Rafaela Suedi- Dom Helder e Reginaldo Antonio- CAISP).

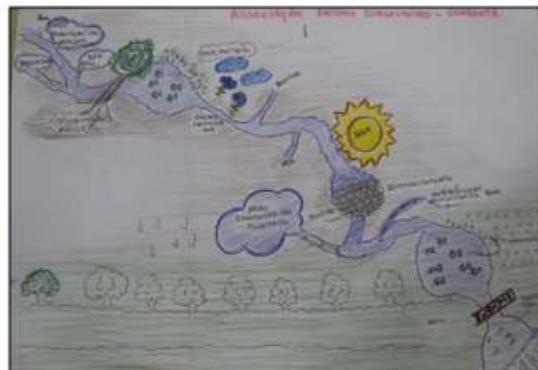
#### 4. IV INTERCÂMBIO DO PROJETO DE DESENVOLVIMENTO RURAL SUSTENTÁVEL- PDRS- SUBPROJETOS AMBIENTAIS

O intercâmbio foi promovido pela SMA, nos dias 18 e 20 de setembro. Participaram do evento 91 pessoas, entre técnicos, palestrantes e beneficiários.

O vídeo do evento, assim como os áudios das palestras, encontram-se disponíveis em: [https://drive.google.com/drive/folders/0B4fKzY\\_f4RpXQWZaNDE4RFBVX1k](https://drive.google.com/drive/folders/0B4fKzY_f4RpXQWZaNDE4RFBVX1k)

##### 4.1 Registros do Primeiro dia







1º dia de Intercâmbio- montagem dos “Rios da vida”.

#### **4.2 Registros do segundo dia: síntese dos trabalhos apresentados**

O segundo dia teve início com a apresentação dos rios coletivos dos grupos.

##### **Grupo Margaridão**

*Organizações representadas: Dom Hélder Câmara, Cooperativa dos Produtores Rurais de Ipanema e Região, Akarui, Pau Brasil.*



Apresentação do “Rio da Vida”, grupo Margaridão.

A nascente apresentou alguns obstáculos no início do projeto, como a burocracia, individualização, falta de estrutura e “preconceito”. O rio foi incorporado como a estrutura e união. O grupo destacou os seguintes pontos: a importância da organização (saber organizar o projeto e o SAF) o reconhecimento do trabalho. E ainda a importância da presença do jovem, na propriedade e nos SAFs.

### **Grupo Crotalária**

*Organizações representadas: Associação Entre Amigos, Cooperativa dos Produtores Campesinos, Instituto de Pesquisas Ecológicas-IPE, Associação dos Empresários Rurais de Pedro de Toledo.*



Apresentação do “Rio da Vida”, grupo Crotalária

O rio representou a troca de experiências, a melhoria da organização com a chegada dos implementos.

Assim como as dificuldades; hora de “pôr a mão na massa”; desmotivação por falta de comprometimento, inexperiência, burocracia, comércio regional enfraquecido e perda de plantio (geada, seca).

O grupo relatou ainda que os gestores eram vistos como “fiscais” no início, mas com o tempo ocorreu a mudança de visão e se tornaram parceiros. O projeto cresceu com as falhas. Como resultados, foram destacados: parceria da instituição e da organização, a inserção das mulheres e filhos no SAF (interação das famílias), empoderamento da mulher. O grupo debateu também sobre a questão da produção orgânica e da quebra de tabus da sociedade.

### **Grupo Gliricidia**

*Organizações representadas: Associação Regional do Desenvolvimento Agrário- ARDA, Associação dos Agricultores Agroflorestais de Barra do Turvo e Adrianópolis – Cooperafloresta, Associação Dos Produtores Orgânicos Do Alto Tietê- APROATE, Associação de Pequenos Produtores Rurais Beira Rio, Associação Ouro Verde.*



Apresentação do “Rio da Vida”, grupo Gliricidia.

O grupo apresentava projetos do 1º e 2º edital. A burocracia nas diversas esferas, especialmente do município, para a implantação de unidades de beneficiamento e agroindústrias, foi uma particularidade forte em um projeto do 1º edital, o que acabou sendo um entrave para sua total execução. De uma forma geral, no rio a burocracia, se fez presente, no entanto de forma mais “branda”, assim como a dificuldade em algumas aquisições (compra de motosserras, máquinas de beneficiamento de arroz, etc). Ressaltou-se a importância de “romper” com o agrotóxico e também a importância de investir no SAF. O grupo abordou também a questão da produção orgânica.

Foram destacados como obstáculos: elevado número de beneficiários no projeto, dificultando a organização e logística, estradas ruins e a falta de assistência técnica.

A importância do jovem no campo, foi apresentada. E os resultados positivos sobressaíram os negativos, sendo eles; “produção” de água, melhoria ambiental, melhoria do solo, agricultura sem químicos, parcerias, intercâmbio de experiências, reforço subsistência, comercialização, novos mercados e aumento da renda.

### **Grupo Ingá**

*Organizações representadas: COOPMAIO - Cooperativa de Agricultores Familiares 16 de Maio, Cooperativa dos Produtores Rurais Entre Serras e Águas, Comunidade dos Remanescentes de Quilombo do Bairro Nhunguara, COOPAFASB - Cooperativa da Agricultura Familiar de Sete Barras.*

O grupo apresentou seu rio, destacando algumas dificuldades iniciais, tais como a burocracia, a dificuldade nas compras e de gestão. A “fluidez” do rio se deu forma peculiar para cada organização (uma delas agroindústria), a busca por mercados alternativos, uma saída para o problema da legislação (áreas protegidas) e da capacidade agrícola das áreas (primeiro recompor, depois plantar), produções, venda de cestas, mudança do foco nas vendas (ampliar), OCS mais forte.

As expectativas para o futuro são: OCS mais forte, continuação de apoio da secretaria, ampliação de mercado, selo de produto de agrofloresta para diferenciar e fortalecer a produção. Apresentação do “Rio da Vida”, grupo Ingá.



### **Grupo Guandu**

*Organizações representadas: Associação dos Assentados Antônio Conselheiro do P. A Antônio Conselheiro, Associação dos Assentados da Estrela Dalva, Associação dos Pequenos Produtores Rurais do Projeto de Assentamento Engenho II, Associação Nova União do Assentamento Simon Bolívar, APRREN - Associação Dos Produtores Rurais Renascer.*

As “árvores caídas no rio” (dificuldades) citadas foram: transmitir a ideia aos beneficiários do que seria um SAF, organização do projeto e SAF. Esses problemas foram solucionados com: experiência do IPÊ (modelos), áreas de SAF preexistentes (modelos); reuniões e oficinas, articulação, plantios prévios de mudas nativas em parceria com a AES Tietê – a associação resolveu alavancar a recuperação das áreas antes que se tornasse obrigatório, deixar claro a possibilidade de se obter lucro com os SAF, transmitir a ideia de que o SAF representa fartura e lucratividade.

Outras dificuldades apresentadas foram: aquisição dos insumos e equipamentos, à logística do uso do trator, a organização dos mutirões. Assim como a comercialização: “os mercados locais não conseguem absorver a produção”.

O grupo também abordou o interesse na obtenção de certificação orgânica, como agregador de valor aos produtos, porém ressaltou que há grandes dificuldades na certificação.

Com o fim do projeto, as expectativas são que os beneficiários e organizações: se apropriem dos projetos, internalizem o conceito de SAF, que os SAF sejam autossuficientes e gerem complemento de renda às famílias.



Apresentação do “Rio da Vida”, grupo Guandu.

### **Grupo Técnico**

*Grupo institucional: Incra, ITESP, SMA, CATI e Embrapa*

A nascente do rio começou em 2005, com o Mata Ciliar, “acoplado” ao Microbacias. Em parceria com o Banco e a CATI, foi retratado como um obstáculo no primeiro edital, a procura por inovação de uma maneira bem ampla. O segundo edital, retratou uma mudança no curso

do rio, substituí-lo de maneira bem aberta por para quaisquer atividade que contribuisse com a conservação e recuperação dos recursos naturais específico para SAF.

A burocracia também foi uma dificuldade enfrentada, mas que se simplificou um pouco mais no segundo edital. Surgiram também dificuldades técnicas (a CBRN não trabalhava com assistência técnica e alguns parceiros pararam de acompanhar projetos ao longo do curso).

Mesmo com as dificuldades, os resultados finais mostraram que muitas delas foram superadas, a execução financeira global foi muito próxima do seu total, as organizações saíram fortalecidas, centenas de agricultores foram capacitados e foram observadas melhoras no acesso a mercados e aumento de renda.

Alguns SAFs estão sendo monitorados financeiramente e também em aspectos biofísicos.

Foi apontado o caráter inovador de implantar os SAFs com parcerias e arranjos diversos para superar as dificuldades de ausência de assistência técnica em muitos casos.

“O fim do projeto, não é a implantação dos SAFs. É uma política pública.”

“E a melhor forma de se fazer uma política pública, é conhecendo os projetos”.



Apresentação do “Rio da Vida”, grupo Técnico.

### **4.3 Palestras**

Após a apresentação dos rios, o segundo dia foi marcado pela presença de alguns convidados para compartilhar suas experiências e conhecimentos. Todas as apresentações estão

anexadas ao relatórios e seus audios encontram-se disponíveis em: [https://drive.google.com/drive/folders/0B4fKzY\\_f4RpXQWZaNDE4RFBVX1k](https://drive.google.com/drive/folders/0B4fKzY_f4RpXQWZaNDE4RFBVX1k)

Manuela Santos, gerente do Projeto Bota na Mesa, apresentou o projeto do qual faz parte, pela FGV, e compartilhou a experiência com trabalho e gestão coletiva na perspectiva de acesso ao mercado.

Fabiana Sanches, da Escola de Ecogastronomia, fez uma apresentação acerca do mercado de restaurantes e afins para produtos orgânicos e agroflorestais, apresentado alguns nichos de mercado, e dando ênfase a aliança entre a alimentação humana e a natureza.

João Dagoberto (ESALQ), integrante do Painel Agroflorestal, apresentou a contextualização da situação do mercado de produtos agrícolas com foco na agricultura familiar. E destacou a importância da construção coletiva do projeto e sua apropriação pelos agricultores que o compreendem como "o SAF", transcendendo ao PDRS/Microbacias II.

Rafaela Suedi e Joice Lopes, representantes das organizações Dom Helder e Coprocam, apresentaram suas experiências com grupos de consumo, tendo a primeira destacado também o envolvimento dos jovens no projeto.

#### **4.4 Terceiro dia de intercâmbio: palestras, vídeos e feira de troca de sementes**

O último dia deu sequência as apresentações, o qual foi marcado pela presença do Marcelo Laurino, do MAPA, o qual realizou uma conversa com os agricultores sobre as metodologias de garantia de qualidade e certificação orgânica.

Fernando Silveira Franco (UFSCar/ Sorocaba), membro integrante do painel agroflorestal apresentou os trabalhos dos Núcleos de Agroecologia e falou também sobre experiências de certificação. Complementarmente sobre certificação, o convidado Reginaldo Ribeiro, agricultor da CAISP, relatou suas experiências.

Neide Araujo apresentou os resultados parciais obtidos no PDRS, assim como resultados parciais e projetos futuros do Painel Agroflorestal.

Foram apresentados alguns vídeos, os quais abordaram um pouco da experiência de diversas organizações conveniadas ao PDRS, e que foram disponibilizados a todos os participantes por meio do link:

[https://drive.google.com/drive/folders/0B4fKzY\\_f4RpXQWZaNDE4RFBVX1k?usp=sharing](https://drive.google.com/drive/folders/0B4fKzY_f4RpXQWZaNDE4RFBVX1k?usp=sharing)

Para encerrar o evento foi realizada a feira de troca de sementes entre os participantes.

Apresentações: Grupos de consumo (Joice Lopes e Rafaela Suedi); Certificação Orgânica- Caisp (Reginaldo R.)



Apresentações: Metodologias de garantia de qualidade e certificação orgânica (Marcelo Laurino); Mercado de Restaurantes e afins para produtos orgânicos e agroflorestais (Fabiana Sanches); Bota na mesa (Manuela Santos).



Apresentações: Núcleos de agroecologia/ certificação (Fernando S.); Mercado de produtos agrícolas- agricultura familiar (João Dagoberto).



Troca de sementes



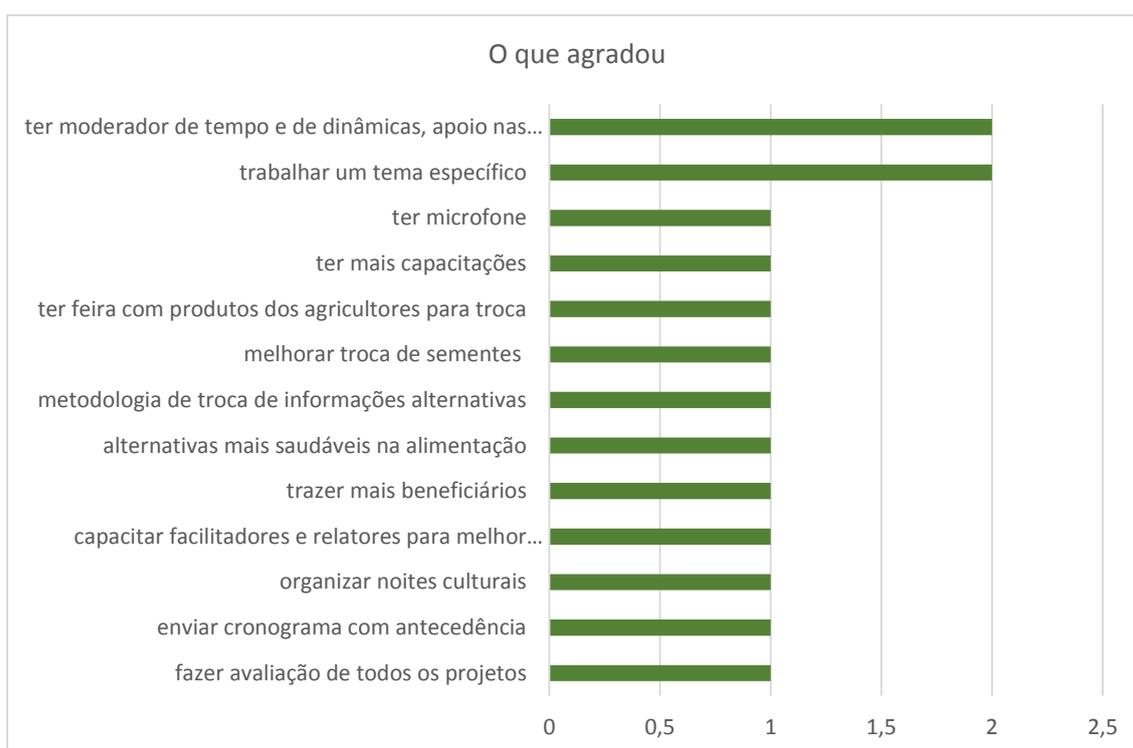
Troca de sementes.

## 5. AVALIAÇÃO DO EVENTO

Foi distribuído questionário de avaliação do evento aos participantes com intuito de verificar a opinião dos participantes em relação ao evento. A partir da aplicação de 49 questionários e respostas verificou-se as principais conclusões sobre o evento.

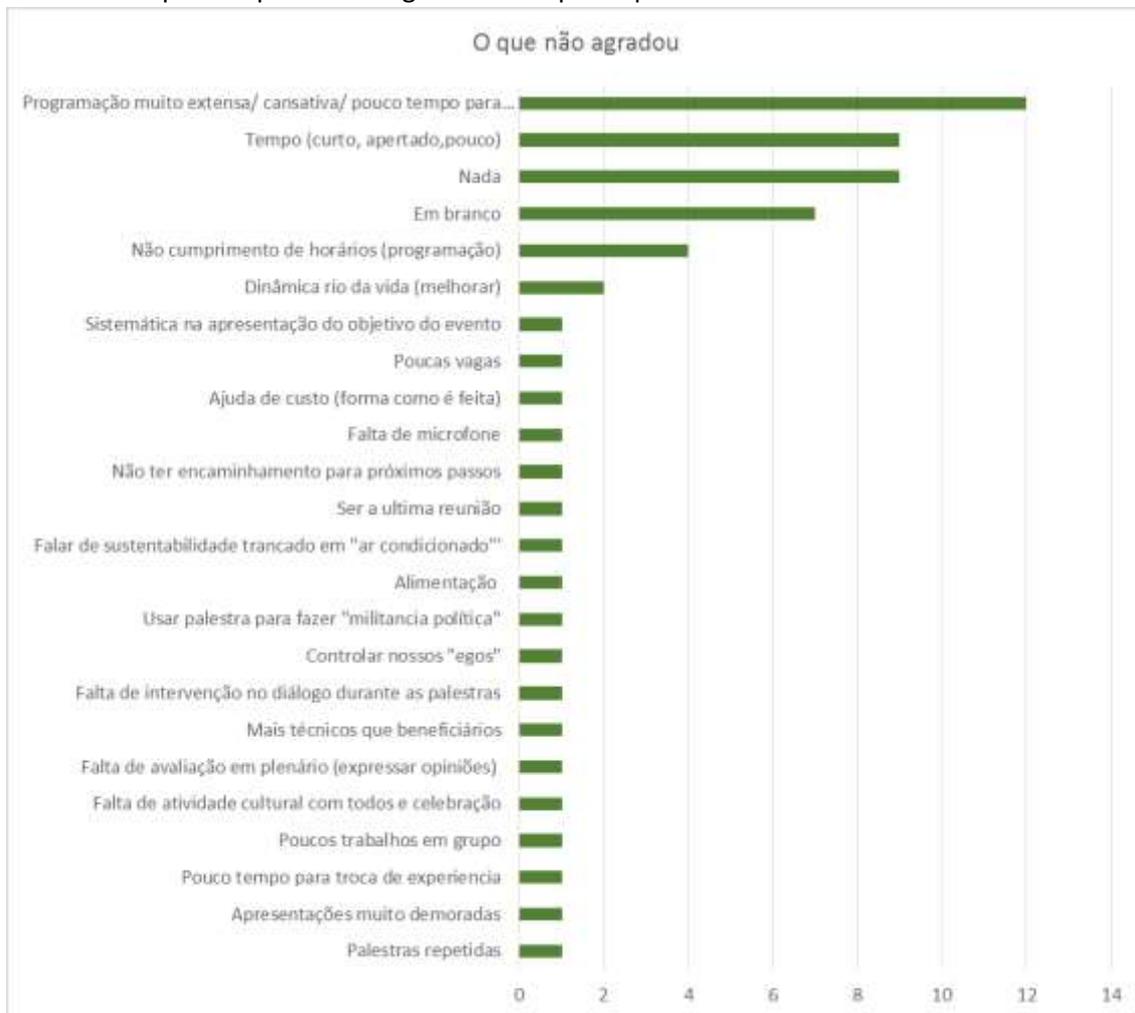
Verificou-se que como aspectos que mais agradaram os participantes foram; a troca de experiências, as palestras e a interação entre os participantes (Gráfico 1).

Gráfico 1- Aspectos que mais agradaram os participantes.



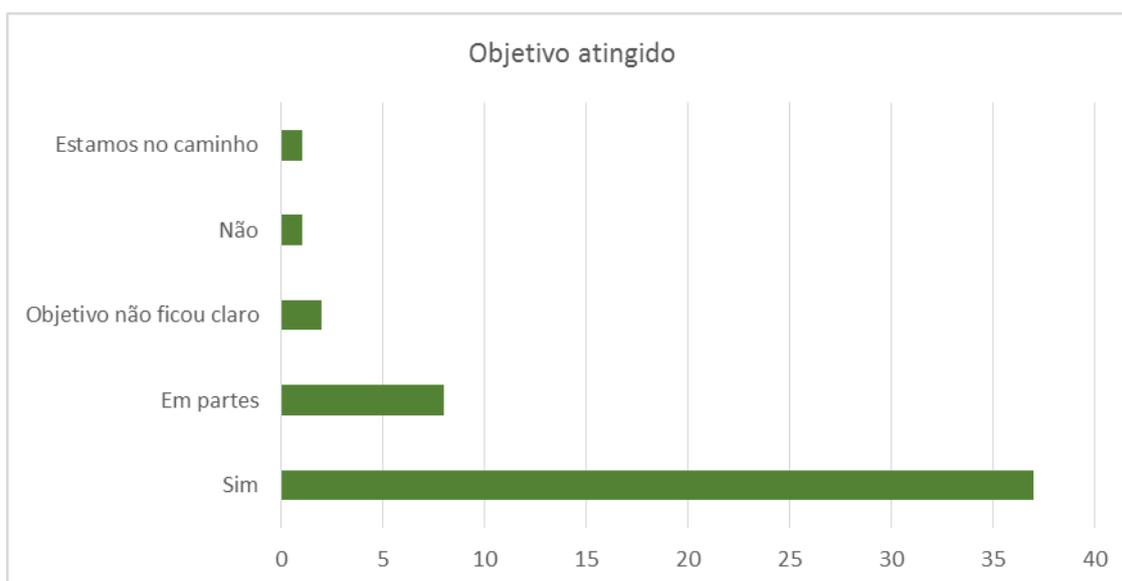
Entre os aspectos que menos agradaram os participantes destacou-se o fator tempo: programação extensa (cansativa) e tempo “curto” para algumas atividades e até mesmo para descanso. Destaca-se também que boa parte das respostas não apresentaram desagradados, e que se observou um padrão de particularidades para esta resposta, envolvendo dezoito respostas diferentes que não se enquadravam em nenhum grupo.

**Gráfico 2-** Aspectos que menos agradaram os participantes.



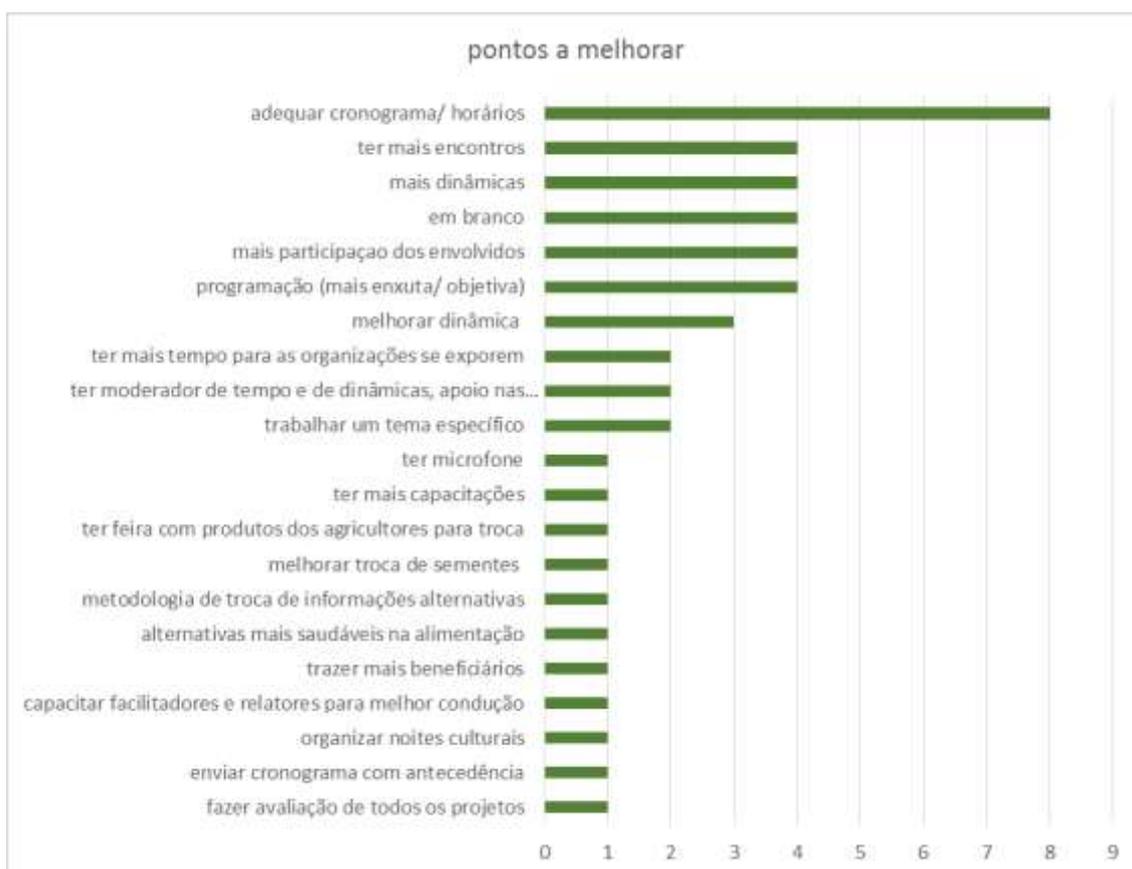
Para 75% dos participantes os objetivos do intercâmbio foram atingidos.

**Gráfico 3-** Percepção quanto a atingir o objetivo do intercâmbio.



Como propostas de melhorias para o evento, grande parte sugeriu; adequar o cronograma, ter mais dinâmicas e mais encontros deste tipo.

**Gráfico 4-** Pontos a melhorar para o próximo evento.



Como resposta, foram apresentados também pontos a melhorar no projeto de modo geral, no qual os participantes relataram o anseio de continuidade do projeto.

**Gráfico 4-** Pontos a melhorar no projeto.



# Anexos

## Relatorias

---

### **Grupo Margaridão**

#### **Integrantes**

Pau Brasil- Helena G., Neusa Paviato e Nivalda Nascimento

Dom Helder- Vandei Junqueira, Christine B. e Rafaela Suedi

Coprir- Elis Regina e Sérgio Nery

**Akarui-** Vantuilde Ribeiro e Ismael Soares

**Relator (a):** Marina Eduarte

O grupo se reuniu para fazer o rio da vida, determinando que seriam feitos depoimentos a respeito dos seguintes momentos: antes da seleção do PDRS (nascentes) no decorrer do projeto (córregos) e no momento atual, com algumas indicações de perspectivas futuras (foz). Os depoimentos estão descritos da forma mais fiel possível ao original, com alguns realces de apontamentos comuns levantados.

#### Nascentes

Vandei relatou que a Dom Helder existe desde antes do assentamento, em cuja origem já havia sistemas agroflorestais. As áreas são coletivas: APPs, nascentes, corredores de ligação, e ainda a 134 hectares a serem restaurados. Vários parceiros ajudaram a ensinar como fazer sistemas agroflorestais (como a Embrapa e a Cooperafloresta) e a ocupação foi feita em 2003. No início, conseguiram sensibilizar e trabalhar com entre 60 e 70 famílias, e a maioria do trabalho era com reserva legal. Era cada um por si, com vendas individuais, e a entidade não tinha estrutura ou vínculo para vender; eles precisavam acessar recursos para capacitação e intercâmbio e se orientaram para organizar a produção. Em 2013, conseguiram acessar o PDRS.

João contou que o assentamento surgiu em 1992; foi feita associação agroflorestal com incentivo da Esalq, mas não havia recurso para iniciar projeto de agroecologia. Houve a criação da Floresta Nacional de Ipanema. Criaram a associação biodinâmica; a cooperativa surgiu em 2010. O PDRS promoveu a aproximação das 23 famílias envolvidas no projeto (antes eram bem afastadas).

Nivalda, do assentamento Mário Lago, contou que a Cooperativa Mãos à Terra foi a formalização (em 2014) de um grupo de mulheres que não tinham estrutura, mas muita vontade. No começo eram 22 e hoje são 60 famílias, com ideia de fazer áreas de sistemas agroflorestais. Plantio de milho, mandioca, feijão e hortaliças.

Neusa, da Fazenda da Barra, faz parte da direção estadual do MST. Ela assinalou que a Associação Pau Brasil sempre contribuiu no trabalho de conscientização e para a mudança da matriz produtiva.

Helena, da Pau Brasil, concordou com suas companheiras, acrescentando que as titulares dos lotes são mulheres.

Vantuilde contou que seu pai comprou o sítio em 1973; era uma terra difícil de produzir, com muito pisoteio de gado. A visão dominante era que “árvore toma lugar do pasto”. Os poucos animais por alqueire não permitiam subsistência da família, e Vantuilde foi tentar a vida na cidade (sem sucesso), acabando por voltar à terra. A área não produzia nada antes das orientações da Akarui, que em 2012 chegou com uma nova ideia de cultivo da terra, a proposta de reflorestamento e cercamento: “Semeando sustentabilidade”. As águas que nascem em sua propriedade abastecem a vila de Vargem Grande, no município de Natividade da Serra.

Os depoimentos das nascentes apontam para os seguintes problemas: as dificuldades para conseguir sobreviver da terra, o pouco acesso a informação, a falta de recursos. Todos viam a SMA como “um inimigo que multava”.

#### Córregos

Vandei tinha muitas dúvidas e questionamentos com relação à SMA. Participou nas oficinas do PDRS e teve muita dificuldade para escrever seu projeto de SAF, que era em APP e reserva legal. Estruturou o projeto de SAF, prevendo a implantação, capacitação e comercialização, com mutirão para a implantação das áreas. Em 2013, teve a aprovação no PDRS; houve adaptações nos projetos para simplificar a implantação, e muitas mudanças com a prática. Tem havido plantios desde 2014, com manejo de matéria orgânica o tempo inteiro; foram feitas compras de máquinas, com outros apoios. Houve inspiração em intercâmbios com a Fazenda Da Toca. Vandei relatou que as formigas comeram todo o guanduzal que haviam plantado.

Vandei relatou que quebraram a cabeça para conseguir a viabilidade financeira: fizeram investimento em divulgação e comercialização, na busca de apoio à produção: criação dos pontos de entrega e de uma página no Facebook. Assim, houve a venda de primeiras cestas e chegaram a entregar 80 cestas semanais, que, com o fim do PAA, garantiam uma renda mensal (o que ajuda a fixar os trabalhadores no campo). Muitos entraram e saíram dos grupos de compras. Houve diversificação na produção e grande trabalho na busca da qualidade, com melhora na alimentação, resgate de saberes e aumento da paleta de produtos.

Sérgio e Elis relataram não ter sido fácil executar o projeto: envolveu convencimento para mudança de comportamento, e um dos resultados foi a organização de controle social (OCS), com a conscientização para a melhor qualidade dos produtos (orgânicos). Dificuldades: grandes

distâncias tinham de ser vencidas para conseguir apoio do IBS, e o PDRS exigiu contrapartida de mão-de-obra. Com o PDRS, houve a retomada dos mutirões, resgatando o entrosamento na comunidade; oficinas em campo incentivaram relações entre as pessoas das áreas 1 e 2. As visitas às áreas são feitas por muitos grupos, com trocas de receitas (ex: bokashi). No início, eles achavam que o SAF não funcionava, mas o intercâmbio em Barra do Turvo mudou sua vida: a incredulidade com a viabilidade do SAF deu lugar à quebra de paradigmas, incluindo o aumento da espiritualidade, com a visita à Cooperafloresta.

Nivalda falou sobre a grande dificuldade para produzir, e também com o fim do PAA, para vender produtos. Ela contou que havia muita coisa prevista em seu cronograma, devido à falta de conhecimento prático – assim, não foi possível executar o projeto todo. Houve muita animação com a chegada dos recursos, pois foi possível comprar sementes para a produção – os insumos de SAF são mais caros; os recursos e equipamentos (inclusive o caminhão) deram uma injeção de ânimo para o trabalho e os problemas foram sendo contornados. Hoje há outra visão. Para o futuro, há a opção do crédito rotativo.

Neusa contou que o trabalhador é incentivado ao trabalho coletivo com o PDRS; isso influenciou a relação com os outros assentamentos – promoveu a aglutinação. Ela contou que a burocracia é muito limitadora; ela muitas vezes travou atividades (por exemplo: mudas chegaram quando não convinha plantar) mas também trouxe aprendizados que fortaleceram a autonomia, com a obrigação de se organizar para fazer a gestão do recurso, já que é preciso ter qualificação para se fazer um projeto desses. Neusa apontou para a necessidade de haver flexibilidade dos dois lados (Estado e organizações de produtores).

Nivalda contou que houve a criação de ponto de feira.

Vantuilde disse haver arriscado ao perceber que o modelo que usava estava ultrapassado: “a beira do rio era completamente degradada e a árvore era um inimigo” Ele disse que precisamos cuidar da terra, do que produz o nosso sustento, que “nosso rio vai ter peixe”. Vantuilde contou sobre os problemas com o tempo do projeto (mudas), a logística, a geada. Expressou satisfação por ter acolhido o projeto e disse que seus vizinhos estão curiosos com o resultado do projeto, acrescentando ser gratificante mudar a tradição: “hoje eu não derrubo mais árvores”. Ele contou ter comprado um caminhão fechado de mudas, que já se pagaram: o cambuci está andando bem: começou com cinco pés, e hoje há produção de diversas frutas: uvaia, lichia, acerola, pitanga, abacate, cambucá.

Helena disse que não gasta mais dinheiro para comprar comida: diversificação da produção.

Foz

A Dom Helder concluiu 95% do projeto, com implantação em 46 lotes, produção escalonada e diversificada, com muito trabalho duro e voluntário, e ainda há muito trabalho por vir. Ocorreram muitas perdas de mudas, e nem sempre houve assistência técnica para atender à necessidade de orientação sobre o que plantar e consorciar. Vandei contou ter tido muito sofrimento com a burocracia, cujas exigências (três orçamentos, documentação, etc.) causaram atrasos no plantio. O caminhão refrigerado adquirido com os recursos ajudou muito, mas “ainda falta muito para vender”. Ele disse que hoje muitas pessoas não precisam mais trabalhar fora da terra para garantir seu sustento, e que houve a criação de uma nova cooperativa: a OCS Comuna da Terra. Foram feitas parcerias para cursos com o Senar, o Sebrae e a Embrapa. Foram abertos pontos de venda: feiras, eventos, restaurantes, além da divulgação pela internet e das visitas de produtores e consumidores no lote.

Vandei contou sobre o resgate de alimentos: plantas alimentícias não convencionais (PANCs), que são vendidas acompanhadas de receitas, e foram tema de oficinas de gastronomia.

Foram apontados alguns desafios, como o planejamento da produção com gestão coletiva, tendo grupos menores em mutirão. Há muita dificuldade com o solo da RL, onde a renda vem mais em longo prazo, mas os plantios continuam sendo feitos.

A internet e o whatsapp tem sido usada para venda, e tem havido o envolvimento de jovens nas atividades. Para o futuro, querem diversificar ainda mais a produção.

Compras coletivas – crédito rotativo.

Sergio e Elis contam que a Cooprir tem 33 cooperados. A busca de caminhos de como chegar ao mercado leva à procura por pontos de venda para comercialização. Eles relataram que o guandu é essencial para proteger as mudas, e que a geada trouxe dificuldades – mas, por causa dela, pessoas produziram mudas. Muitas frutas estão aparecendo, e o cultivo nas entrelinhas apareceu como mudança no jeito de trabalhar – descobriram que o solo descoberto não é saudável. A prioridade da cooperativa é remunerar Elis.

Nivalda contou não ter conseguido executar todo o projeto, mas o que se conseguiu foi um grande passo, com o envolvimento de mulheres assentadas e com mais idade; onde só existia solo degradado, há produção de alimentos, qualidade de vida e união das pessoas. Houve o fortalecimento da cooperativa.

Ismael – às vezes precisa trabalhar mais a união das pessoas, desenvolvendo o papel de mostrar onde estão os acertos, não somente os erros. Houve resgate dos mutirões, que são importantes, mas custosos, por conta das distâncias na região.

---

## **Grupo Gliricídia**

### **Integrantes**

ARDA- Leopoldo Norberto

Cooperafloresta- Anderson L. e Marlúcia Santos

APROATE- Agnaldo Alves e Laura Alves

Ouro Verde- Madalena Ferreira e Joice Vianna

Beira Rio- Josuel Rufino e Cilene Rufino

**Facilitador (a):** Henrique Campos **Relator (a):** Liliane Lobo

Para a confecção do “Rio da Vida”, inicialmente, o grupo se dividiu, para que cada um construísse o rio individual da associação que participam.

Beira Rio: destacaram as dificuldades iniciais; na realização de compras de equipamentos e também administrativas, sendo esses os primeiros obstáculos do rio. Como fatores externos, que de alguma forma dificultaram este início, foram citadas as estradas ruins (prejudicial a comercialização) e a dificuldade na seleção de pessoas certas, dispostas a trabalhar com o SAF. Superadas as dificuldades iniciais, os representantes destacaram que conseguiram acessar canais como PAA e PNAE, e verificou-se também que com os SAFs as pessoas retornaram a fazer plantios (anteriormente a atividade era mais voltada a sistema pastoril).

Cooperafloresta: o começo do rio retrata uma agroindústria parada, devido à falta de apoio e equipamentos. Com o projeto a agroindústria multifuncional foi ativada, enfrentaram no caminho algumas dificuldades, como por exemplo, para obtenção do alvará. Vencidos os obstáculos, passaram a ter uma grande diversidade de produtos e realizar entregas por quase todo o país, e destacaram como ponto positivo a redução das perdas com o processamento.

Aproate: o projeto não foi adiante, por causa da burocracia, relacionado a obra, que desde o início foi complicada. Os obstáculos surgiram na vigilância sanitária, junto a prefeitura, e outros órgãos. Os representantes relatam que a Secretaria do Meio Ambiente, deu a eles todo o apoio possível, mesmo assim, não conseguiram vencer a burocracia, pois haviam prazos a serem cumpridos, os quais não caminhavam de acordo com a demora na devolutiva dos outros órgãos. Atualmente eles comercializam em feiras livres e conseguiram certificação por um preço menor. Sendo estas as grandes conquistas da associação. Como expectativas de apoio em uma continuidade do projeto, eles expõem o apoio institucional na divulgação e sensibilização das pessoas, para o consumo de alimentos mais saudáveis.

ARDA: o representante relata que apesar das dificuldades, o cuidado com o meio ambiente, com o solo, com não usar agrotóxicos, são os verdadeiros resultados do projeto. Algumas pessoas já tinham experiência com SAF, mas as áreas eram pequenas, mas com diferenças, sendo assim, os resultados em cada área também são muito diferentes. Relata que o projeto ajudou muito os beneficiários, mas que agora é hora de ver de perto a qualidade de cada SAF. Eles pretendem

continuar tocando em frente os SAFs, e enfatizou a importância do apoio no manejo, para que todos continuem cuidando bem daquilo que já possuem.

Ouro Verde: o PDRS foi o primeiro projeto que a associação participou. Antes disso o único bem que eles possuíam era o climatizador de bananas. E a terra das áreas era bem degradada. Com o início do projeto, adquiriram os equipamentos, trator, implementos, receberam capacitações (cursos oficinas, visitas técnicas). Começaram a realizar entregas para merenda, e todo esse processo de fortalecimento foi muito bom para a associação. Destacou como dificuldade o ataque de lebrão e porco do mato, sendo estes um dos motivos de desistência de um beneficiário após perder grande parte do plantio. E também o elevado número de beneficiários dificultava algumas ações (por exemplo, um trator, para 45 áreas).

Rio coletivo: cada representante apresentou seu rio individual. A reflexão coletiva, tendo em base todas as dificuldades (em principal da Aproate que não conseguiu executar sua obra até o fim) e vitórias alcançadas, é de que por mais dificuldades que apareçam, não se deve desistir nunca. Que muitas pessoas, desistem por problemas pontuais, e perdem a chance de crescer com isso.

Por fim, para a montagem do rio alguns pontos específicos foram definidos para a tomada de decisão: o rio tinha duas nascentes, a do 1º e a do 2º edital, e seus cursos se encontravam no meio do caminho. As benfeitorias e dificuldades em comum a todas as organizações foram agrupadas, nas margens do rio.

Aspectos positivos: “produção” de água, melhoria ambiental, melhoria do solo, agricultura sem químicos, parcerias, intercâmbio de experiências, reforço subsistência, comercialização e novos mercados.

Dificuldades: dificuldades administrativas, manejo incorreto, burocracia. Dificuldades pontuais: muitos beneficiários e distância entre propriedades (Ouro Verde), dificuldade de aproveitamento dos técnicos e proibição na compra de moto serra (ARDA), selecionar as pessoas certas (Beira Rio).

Como conclusão os aspectos positivos sobressaem sobre os negativos. Todos os representantes desejam algum tipo de continuidade de apoio nos projetos, seja em apoio na manutenção dos SAFs; na divulgação dos produtos orgânicos e agroflorestais; obtenção de novos mercados. O “rio” não pode secar, e as pessoas dedicadas pelas boas causas, estão juntas no mesmo barco.

---

## **Grupo Ingá**

### **Integrantes**

Entre Serras- José C. S. e José C. L.

Coopmaio- Francisco M. e Aparecida Lucélia

Nhunguara- Adair Soares, Marina Soares e Marcelo Itesp.

Coopafasb- Conceição Gomes

**Facilitador (a):** Egberto C. **Relator (a):** Fernanda Santos

Rio da vida individual- suas nascentes

Coopafasb: chegou através do edital pois pesquisou, quem ouviu falar do edital, quis participar do projeto através de uma reunião.

Entre Serras: veio através da Andreia, que trouxe a ideia do projeto de SAF (edital) o beneficiário José Carlos já sonhava em trabalhar com SAF. Quando surgiu a oportunidade, resolveu prontamente aderir ao projeto, através de reuniões do projeto e visitaram outros lugares que tinham SAF.

Já o Sr. José de Lima, entrou no projeto visando colaborar com a natureza, já que em sua propriedade não tinha.

Nhunguara: são do primeiro edital, a nascente deles foi o Marcelo, do Itesp, que trouxe o edital e as informações. Marcelo diz entrou em 2012 para trabalhar com eles e levando as informações, pois o pessoal do Nhunguara já trabalhava com viveiros. Marcelo potencializou e canalizou as vontades do grupo para ver onde se encaixava o projeto. A nascente foi o grupo com apoio do Marcelo.

Coopmaio: CATI abordou a cooperativa sobre projeto só que a cooperativa não tinha 1 ano e não poderia concorrer no edital. Mais de um ano depois da abordagem da CATI, o técnico do IBS Alan viu o edital e resolveu realizar uma reunião com a diretoria da cooperativa e eles chamaram os cooperados (27) e 19 toparam embarcar no projeto.

As “pedras” no rio

Entre Serras: todas as pedras foram aprendizados, as dificuldades são superadas, os 14 superaram os problemas. Pode-se citar como pedras: mutirão, tempo de planejamento e organização não foi coincidente com o tempo do agricultor assim como a comunicação.

As viagens do PDRS para conhecer outros SAFs fizeram alguns deles repensarem na forma de produção. Em compensação, para o beneficiário José de Lima viu nessas visitas que a forma de trabalho deles não funcionava para ele.

Coopafasb: pedras foram as documentações, fez com que algumas pessoas desistissem e depois voltassem, foram 28 beneficiários. Uma dificuldade encontrada foi os SAFs serem em vários municípios. Como a maioria das áreas são protegidas, viram um SAF como uma saída para o problema da legislação e da capacidade agrícola das áreas (primeiro recompor, depois plantar). A proposta do edital convenceu-os pois dava um suporte para os agricultores, através de

aquisição de equipamentos, ATER. Foram citados como pedras também a não aquisição de equipamentos essenciais como motosserra e pulverizador costal que estavam previstos inicialmente, falha da instituição.

Nhunguara: começou com 25 pessoas, e passou para 8 no decorrer do projeto e atualmente está com 16 tocando o viveiro. No decorrer, houve um desânimo pois houveram dificuldades em comercializar (razão pela qual muitos desistiram) devido à falta de mercado, qualidade da muda, padrão, estrutura do viveiro, formação das mudas. Quando o projeto começou, as pessoas começaram a se interessar novamente pois iniciou-se a comercialização. Hoje eles fornecem para mudas para a CATI (plântulas) e estas as engordam e vendem para o consumidor. Coopmaio: na assembleia, nascente começou a virar rio com a participação de 19 beneficiários. Com a visita da cooperativa a fazenda do Saci, em Itapeva, o rio embalou dado que eles não haviam iniciado o deles.

Geral: Em comum, os que visitaram SAF ficaram encantados e isso deu um gás no projeto.

Geral: Pedra\Curva: aquisição de produtos e equipamentos (burocracia dos 3 orçamentos). Tempos diferentes: tempos de aquisição e tempos de implantação nem condiziam nem trabalhavam juntos (demora).

Cachoeira: gastos fora do previsto: necessário um investimento (por exemplo valor para custeio seria de R\$200,00, porém o gasto era de R\$250,00).

Conhecer as peculiaridades de cada propriedade.

A foz do rio

Nhunguara: produção de frutas nativas para serem encaminhadas para a agroindústria própria e as sementes voltarem para a produção do viveiro ou podem ser vendidas.

Entre Serras: produções, venda de cestas, mudança do foco nas vendas (ampliar).

Coopmaio: construção de uma agroindústria (através de políticas públicas, incentivos, novas chamadas de editais) e ampliação da produção e dos canais de produção.

Coopafasb: OCS mais forte, continuação de apoio da secretaria, ampliação de mercado

Geral: selo de produto de agrofloresta para diferenciar e fortalecer a produção, ampliação do mercado.

---

## **Grupo Crotalária**

### **Integrantes**

Entre Amigos- Elisete Alves e Adelmo Vicente

Coprocarn- Joice Lopes, Andreia Lopes e Wesllen dos Santos

IPE- Jonas Ramos e Haroldo Borges.

Pedro de Toledo- Josué Moreira e Cornélio Tavares

**Relator (a):** Isaac Ribeiro

A atividade foi iniciada com uma breve discussão sobre a montagem do “Rio da Vida”, que busca pontuar de uma forma lúdica, em uma linha do tempo, os momentos marcantes que passou cada associação desde a montagem inicial do subprojeto (sonho), seus avanços, dificuldades, aprendizados e os resultados atingidos na conclusão do convênio (realidade).

Foi sugerido que cada associação montasse individualmente o seu “Rio da Vida” e apresentasse para os demais. Nessa oportunidade foi anotado por este relator os pontos relevantes apontados pelo grupo:

#### 1. Montagem do Projeto (O sonho):

Ficou claro que no início do projeto a maioria dos participantes ainda não conheciam na prática como funcionava o SAF, sendo pontuado por vários participantes que o apoio/capacitação da SMA foi fundamental na construção dos projetos iniciais;

Além da SMA foi apontada também a importância do apoio dos Institutos Agrônômicos, como por exemplo o IAC.

Houve grande dificuldade dos participantes em entender a burocracia necessária para a formalização dos convênios e essa etapa foi vencida com o apoio da SMA;

Para a realização do projeto buscaram o maior número de beneficiários (quantidade), o que no final não se mostrou ter sido uma boa opção, devido à falta de comprometimento de alguns agricultores.

#### 2. Desenvolvimento do Projeto (A prática):

Levou-se um tempo para entender e vencer a burocracia necessária para se fazer as primeiras aquisições;

Foi bastante motivador o recebimento das primeiras máquinas e equipamentos, o que gerou significativa melhoria na estrutura da associação;

Destacou-se também a importância da capacitação dos beneficiários (cursos e oficinas) e os intercâmbios na viabilização das técnicas agrícolas de implantação dos SAFs;

Foi marcante também o recebimento das mudas;

No desenvolvimento do projeto ocorreu o fortalecimento dos grupos, por meio dos mutirões, com a participação significativa das mulheres e os jovens.

### 3. Imprevistos do Projeto (A dificuldade):

Para alguns beneficiários houve conflito de prioridade entre as atividades produtivas na propriedade e as atividades necessárias para desenvolver o SAF, em alguns casos o trabalho no SAF ficou em segundo plano, o que prejudicou a realização do projeto;

O desconhecimento e a falta de planejamento das associações frente a burocracia necessária para as aquisições, ocasionou plantios tardios;

Foi impactante a dificuldade na aquisição das mudas;

As condições climáticas desfavoráveis, pragas e fogo prejudicaram o desenvolvimento de alguns SAFs;

Pelas discussões, observei um certo despreparo dos participantes em relação a comercialização dos produtos, tanto para o mercado regional como institucional;

Os participantes manifestaram também a preocupação com a continuidade do projeto sem o apoio da SMA, visto que muitos SAFs ainda carecem de investimento.

### 4. Resultados do Projeto (A Fortaleza):

Integração entre a associação, os técnicos, gestores e a SMA;

Empoderamento das associações com as técnicas aprendidas durante o projeto;

Fortalecimento da associação gerada pelos mutirões com a inclusão das mulheres e jovens;

Acesso aos mercados institucionais e consumidor final (Feiras e Cestas), apesar das dificuldades;

Reconhecimento dos beneficiários perante a comunidade, com a visita de escolas nas propriedades e alguns agricultores apontados como referência em boas práticas.

### 5. Possibilidades de melhoria (A reflexão):

Concluiu-se que as associações devem selecionar melhor os beneficiários dispostos a participar no projeto. A quantidade de participantes não garante o sucesso do projeto, sim o comprometimento deles na execução;

Solicitaram a simplificação da burocracia frente as realidades regionais;

Sugeriram que sejam intensificados os intercâmbios, visto a sua relevância na integração entre as associações e a SMA na resolução dos problemas e desenvolvimento dos projetos;

O grande motivador da produção é a garantia da venda dos produtos. Dar maior ênfase nos próximos projetos na prática de comercialização.

Sugeriram a capacitação em relação a legalização da exploração do SAF. Alguns ainda tem medo de podar ou cortar árvores.

No geral o Grupo Crotalária se mostrou bastante satisfeito com o resultado do subprojeto PDRS, entretanto os participantes se mostraram também inseguros em relação ao término do convênio. Apesar dessa insegurança, ficou claro que a cultura e a defesa do SAF foram incorporadas por todos, o que leva à conclusão que os objetivos do projeto foram atingidos.

---

## **Grupo Guandu**

### **Integrantes**

Apracon- Mônica C., Daniele Henrique e Vânia Maria

Engenho II- Rafael Tenório e João Barreto (ITESP)

Estrela Dalva- Edson Ferreira e Manoel Getúlio Filho

Simon Bolívar- João Carnicel e João Aparecido

Renascer- Francisco Alves e Rafael Lamonato

**Relator (a):** Ana Maria

O projeto de SAF nasceu em 2014, quando o Instituto Biossistêmico (IBS) apresentou essa possibilidade à APRACON.

O Projeto Assentamento Antônio Conselheiro conta com 151 lotes e 2 nascentes, desses, 23 lotes aceitaram participar do projeto (a APRACON contava com 40 lotes!).

Com a aprovação da Unidade de Gerenciamento Local (UGL), o projeto de SAF consolidou parcerias entre a APRACON, o IBS e a Prefeitura de Guarantã.

Uma das barreiras para a implantação do projeto, representada aqui por uma árvore caída, foi a burocracia na aquisição dos itens necessários à fase de implantação dos SAF – quando o clima estava favorável ao plantio de mudas, não havia liberação de recursos por parte da UGL pois a documentação estava incompleta ou apresentava erros (dificuldade na juntada de 3 orçamentos em uma cidade pequena como Guarantã. Esse foi um dos motivos para o atraso na implantação da primeira fase do projeto.

Quando finalmente foram realizadas as primeiras aquisições, a barreira foi retirada. Tanto a associação como os beneficiários ficaram satisfeitos com a chegada dos insumos. Foram realizados plantios em boa parte dos lotes, porém, entre os meses de dezembro de 2015 e janeiro de 2016, fortes chuvas caíram na região, o que ocasionou a perda de grande parte das mudas plantadas.

Uma outra barreira foi a saída dos parceiros: IBS e Prefeitura de Guarantã. Ainda, o período seco que se seguiu representou uma outra barreira: não havia como preparar o solo para o plantio das mudas.

Uma outra dificuldade apontada foi a demora na solicitação do aditivo e do remanejamento devido à burocracia (por fim, o aditivo acabou não sendo aprovado, o que impediu a aquisição de um caminhão mais robusto).

No final do projeto, o apoio administrativo correu como contrapartida da associação – o recurso que seria utilizado para a contratação do apoio administrativo foi remanejado para a aquisição do veículo utilitário, além de outros remanejamentos requeridos pela associação, permitindo uma maior eficiência na utilização dos recursos.

O projeto hoje tem 80% de suas atividades realizadas, sendo os grandes desafios a irrigação e a manutenção dos plantios, além da produção em si (já há comercialização de alguns dos produtos dos SAF). 2 dos 23 lotes estão com o plantio bastante atrasado, uma vez que havia produção de mandioca nas áreas.

O caminhão foi adquirido dias antes do término do convênio; não foi possível realizar a contratação do seguro devido ao prazo.

Quase todo o recurso disponibilizado pelo projeto foi utilizado, o que representou uma vitória para a APRACON.

A APRACON e os beneficiários do projeto esperam terminar o quanto antes a implantação dos SAF – para uma “fazenda” com 151 lotes e duas nascentes abandonadas, a implantação do projeto representou um grande avanço!

Por fim, pode-se dizer que o projeto de SAF valeu a pena, de qualquer forma!

“Todo o rio corre para o mar” neste caso, o mar representa a comercialização dos produtos dos SAF.

A implantação dos SAF foi uma fase bastante tranquila para os beneficiários da Engenho II, pois as mudas foram adquiridas rapidamente e o plantio foi feito logo após a chegada dessas mudas. O manejo dos SAF também vem sendo realizado a contento.

Como vantagens na implantação do projeto, tem-se:

- o aumento da renda;
- o conhecimento adquirido;
- o aumento na diversidade da fauna, resultado direto do aumento na quantidade de árvores plantadas;
- as parcerias com o ITESP, o INCRA, a CATI e a APTA;
- a colaboração das prefeituras;
- o apoio financeiro à aquisição de máquinas e implementos, lembrando que o trator foi adquirido por financiamento junto ao Banco do Brasil;
- a formação de mutirões (mesmo que poucos).

E como desvantagens:

- a perda de áreas de SAF implantadas devido a fatores diversos (ex. fogo);
- a falta de mão-de-obra (agricultores idosos, ou que precisaram deixar o campo para obter renda na cidade etc.)

-- a burocracia (apesar de o parceiro técnico ter apoiado a juntada da documentação para a aquisição de itens), como, por exemplo, a dificuldade na obtenção dos orçamentos, uma vez que muitas das empresas apresentavam-se impedidas junto ao Governo do Estado;

-- a suspensão temporária do projeto devido à solicitação do aditivo.

Quanto à comercialização, a Engenho II encontra-se bastante avançada, porém admite que precisa aprender bastante ainda, por exemplo, como agregar valor aos produtos oriundos dos SAF etc.

Por fim, a Engenho II considerou o projeto gratificante, apesar de todas as dificuldades (vale lembrar que as áreas de RL do assentamento estão longe das sedes; as APP, por sua vez, estão fora dos limites do assentamento; o projeto em si foi implantado nos lotes).

Para a Associação Estrela Dalva, 100% das áreas antes do plantio dos SAF eram áreas de pastagem.

O projeto contemplou 40 produtores rurais, de 4 assentamentos diferentes.

O ano de 2014 marcou o início do projeto, trazendo a união de todos os envolvidos. O projeto incentivou a realização de reuniões e discussões entre os beneficiários e a associação.

Uma das dificuldades apontadas foi o entendimento do conceito do SAF pelos beneficiários.

Um dos representantes da Estrela D'Alva admitiu que, mesmo tendo 6 anos de experiência em SAF, há ainda muito o que aprender. Apesar disso, é importante ressaltar que a adesão de grande parte dos beneficiários se deu pela existência desse SAF mais antigo.

Para a demanda da CONAB, o projeto de SAF aumentou o leque de produtos ofertados, tornando-se um atrativo a mais para a comercialização.

No início da implantação do projeto, foram adquiridos serviços de análise de solo, trator e implementos, insumos para cerca elétrica etc.

Como parceiros, a Estrela D'Alva contava com a Prefeitura de Mirante de Paranapanema (para o preparo do solo e a aquisição de mudas de abacaxi) e o ITESP.

Foram realizados Dias de Campo e elaboradas normas de uso do trator para o plantio dos SAF, além de Cursos de Capacitação para os agricultores.

O clima seco fez com que o solo fosse preparado pelo menos duas vezes para o plantio das mudas.

Apesar da dificuldade na prestação de contas de um dos fornecedores, o que acabou por paralisar o andamento do projeto, a Estrela D'Alva decidiu por manter a sua implantação plantando mudas de abacaxi – é importante ressaltar que, durante o período em que o projeto esteve bloqueado, não foi possível a aquisição de mudas nativas ou frutíferas (abacaxi), trator ou insumos.

Quanto à elaboração do projeto, a Estrela D'Alva apresentou divergências em relação à empresa responsável.

Os implementos para o trator foram adquiridos com recursos próprios, e as mudas de banana foram cedidas por viveiro localizado no Vale do Ribeira; a Prefeitura de Mirante cedeu o caminhão para que fosse possível trazer as mudas do Vale do Ribeira.

O projeto de SAF foi então retomado, pois entre os beneficiários e a associação era consenso de que o dinheiro não poderia ser devolvido ao Governo do Estado, uma vez que os agricultores precisavam desse apoio.

Muitos beneficiários que acabaram implantando os SAF estão hoje manejando-os – alguns acreditam que estão fazendo o serviço pelo Governo do Estado.

De acordo com um dos representantes da associação, os filhos dos agricultores trazem nova visão quanto à atitude que se deve tomar em relação à preservação e à conservação dos recursos naturais; quanto a ele e o filho, afirmou que a mentalidade já mudou – passou da monocultura de algodão ao SAF. Ele lembra que no início do plantio do seu SAF, que hoje tem 6 anos, utilizava a grade pesada toda a vez que ia preparar o solo. Hoje em dia, o agricultor se alegra até mesmo dos ninhos das aves que avista em seu SAF.

Quanto à comercialização, foram vendidos cerca de 25.000 kg de abacaxi em feiras locais (FRUTESA), e mesmo de mudas de abacaxi pérola.

Vale ressaltar que o projeto tinha recurso para a compra de outros tipos de mudas além das de abacaxi, mas como o mesmo foi bloqueado, não foi possível adquiri-las.

Por fim, no SAF se produz comida saudável, quem consome produtos dos SAF sabe realmente o que está comendo, ao contrário, por exemplo, dos pepinos produzidos nos lotes vizinhos (convencional), cheios de agrotóxicos

Associação Simon Bolívar: o IBS apresentou o edital à Associação Simon Bolívar, e também foi responsável pela elaboração do projeto. Por sua vez, a associação ficou responsável pelo levantamento das famílias interessadas.

No início, o IBS propôs às famílias um projeto para o plantio de mudas de seringueiras, mas após sofrer alterações, o projeto passou a ser o de implantação de SAF. A definição das espécies que comporiam os carros-chefes da produção foi conjunta, sendo escolhidas a seringueira, a mangueira e o abacateiro, além de outras espécies que comporiam o SAF, como goiaba, carambola, coco etc.

No IBS existe demanda para a recuperação de áreas degradadas, por isso o interesse no projeto – a escolha de recuperar as APP do Assentamento Simon Bolívar foi um erro, pois essas áreas estão localizadas no fundo dos lotes, longe das sedes (pessoas de mais idade tem dificuldade de

chegar a essas áreas). A experiência mostrou que quanto mais próxima a área do SAF da sede, mais bonito fica o SAF.

O preparo do solo em algumas APP desencadeou processos erosivos. No início, houve muita dificuldade na aquisição das mudas; quando as mudas foram adquiridas, veio o tempo seco – o tanque para irrigação das mudas não tinha sido ainda adquirido pela associação.

Por fim, o projeto serviu para atender uma demanda direta do IBS, mas pode-se dizer que os erros serviram para aprendizado. Bola para frente!

A associação em si teve alguma dificuldade em entender o funcionamento do projeto.

As mudas nativas foram obtidas em parceria com a AES Tietê.

Também foi feita parceria com a Prefeitura de Promissão, que manteve as mudas da AES em viveiro até que fosse possível o plantio – as mudas, mais maduras, tiveram um desenvolvimento pior do que as mudas que vieram em tubetes, depois de plantadas. O plantio das mudas nativas foi rápido, porém, após a consultoria realizada pela SMA, os beneficiários entenderam que não poderiam mais manejar o capim, e o mesmo acabou por abafar as mudas.

As mudas de abacate adquiridas pelo projeto responderam de maneira bastante sensível, sendo a maioria delas perdida – talvez seria interessante implantar uma cobertura de guandu no entorno de cada muda.

Houve reposição de mudas mortas, sendo adquiridas para tal mudas de boa qualidade.

Quanto às capacitações, essas foram bastante positivas, porém a participação dos beneficiários pode ser considerada baixa. O entendimento do manejo dos SAF se deu graças a essas capacitações.

Com o encerramento do convênio, a associação está em busca de novos mercados para a comercialização dos produtos dos SAF, se organizando para que a produção atenda à demanda. A associação não consegue ter acesso aos programas do governo.

Renascer: houve bastante dificuldade na implantação dos SAF, e os beneficiários que implantaram acabaram abandonando o plantio – as gramíneas tomaram conta e abafaram as mudas plantadas.

A associação não conseguiu adquirir o carro e o caminhão – esses seriam essenciais para o apoio à busca de novos mercados.

Houve produção nos SAF, a abóbora foi vendida na CONAB e o feijão, nas feiras livres.

O presidente da associação precisou superar muitas dificuldades pois acabou se envolvendo no projeto quando este já estava no final.

O trator e os implementos, por sua vez, foram adquiridos com recursos do projeto. Como contrapartida, a associação ofereceu maquinário de maior potência para o preparo do solo –

pode-se dizer que esse tem sido o trator mais ativo (os beneficiários contribuem com R\$ 50,00 a hora trabalhada, assim a associação consegue arrecadar fundos, garantindo a manutenção das áreas de SAF e também de outras áreas).

Consumidores de Foz do Iguaçu vem até Promissão para buscar mercadoria fornecida pela associação; para o aumento da comercialização, os agricultores devem se organizar a fim de diversificar e atender a demanda (uma opção é o produto já embalado). Os SAF contribuem abrindo novas possibilidades de produção.

A associação ainda não pensou como poderia agregar valor aos produtos dos SAF; alguns produtores rurais estão em busca da certificação orgânica – o presidente da associação afirma produzir alface sem agrotóxico.

A associação tem a responsabilidade de mostrar aos beneficiários novas oportunidades, abrir novos mercados, caso contrário eles param de manejar o SAF. É muito importante buscar a agregação de valor aos produtos dos SAF – a concorrência com os produtos comuns é desleal! De 210 famílias, 23 participaram do projeto de SAF, 3 desistiram, 3 lotes apresentaram problemas sérios de erosão. É difícil convencer os agricultores sobre as possibilidades dos SAF. Existem lotes onde a Reserva Legal fica localizada no fundo.

A associação está disposta a participar de outros projetos, principalmente se houver a possibilidade de aquisição de um veículo utilitário (carro ou o caminhão), já que não conseguiu adquiri-lo no âmbito do PDRS.

#### Construção do Rio da Vida em Grupo

No que a Secretaria do Meio Ambiente poderia continuar apoiando as associações e beneficiários, mesmo com o término dos convênios? Alcançar a produção orgânica?

#### Manutenção dos SAF?

Os produtores já se veem obrigados a diminuir a quantidade de agrotóxico devido ao fornecimento para a merenda escolar.

A maior dificuldade na manutenção dos SAF é o controle de formigas e do lebrão europeu – os SAF do assentamento Simon Bolívar não apresentaram problemas em relação a formigas.

Nascente: como os projetos começaram? Como as associações ficaram sabendo dessa possibilidade? Pelo parceiro técnico! (Assim, a nascente acabou por representar as instituições parceiras (ITESP, IBS, Esalq) que buscaram as associações para a apresentação do projeto – as associações, por sua vez, disseram ter tido um papel importante na adesão das famílias.

Em um primeiro momento, as dificuldades se resumiram a:

- passar a ideia, aos beneficiários, do que seria um SAF;
- organizar as etapas de implantação do projeto entre os beneficiários;

-- as visitas do parceiro técnico para o refinamento do projeto (vale ressaltar que, no caso do IBS, o projeto foi construído sem o devido compartilhamento junto à associação e/ou aos beneficiários).

Como esses problemas foram solucionados?

- Experiência do IPÊ (modelos);
- áreas de SAF preexistentes (modelos);
- reuniões e oficinas;
- articulação;
- plantios prévios de mudas nativas em parceria com a AES Tietê – a associação resolveu alavancar a recuperação das áreas antes que se tornasse obrigatório;
- deixar claro a possibilidade de se obter lucro com os SAF;
- transmitir a ideia de que o SAF representa fartura e lucratividade.

Uma outra dificuldade representada no rio da vida foi a aquisição dos insumos e equipamentos. Durante a implantação dos projetos, foram firmadas parcerias com as prefeituras, porém como os projetos não priorizavam diretamente a recuperação das APP de nascentes, muitas vezes foram deixados em segundo plano pelas prefeituras.

Uma outra dificuldade foi em relação à logística do uso do trator.

Ainda uma outra dificuldade foi relatada: a organização dos mutirões, incentivada em Dias de Campo, para o plantio dos SAF.

Uma árvore caída no rio da vida representou também a dificuldade no controle de pragas, doenças e do próprio clima – não há como controlar as formigas se os ninhos não forem encontrados e as formigas combatidas ali mesmo. Existem plantios com formigas, porém esse só tem sucesso quando os predadores naturais fazem o controle das formigas – será que um dia haverá o controle natural de formigas nos SAF?

Quanto à manutenção dos SAF, uma das dificuldades apresentada foi a apropriação da mesma pelos beneficiários, os quais devem se tornar diretamente responsáveis e cada vez mais independentes da associação. Como solução, as associações se utilizaram de capacitações e trocas de experiências.

Comercialização: uma outra dificuldade. Os mercados locais não conseguem absorver a produção. Solução: canais governamentais? O orgânico, nesse momento, se mostra bastante promissor, mas a certificação é algo muito difícil de se obter – as associações gostariam de certificar os seus produtos, mas quase nenhum produtor tem o selo. Há que se pontuar a

possibilidade de certificação para a transição ecológica (de não orgânico para orgânico). Quanto aos canais governamentais, vale dizer que os mesmos estão em fase de extinção: uma solução seria agregar valor à produção dos SAF, com o apoio da Secretaria de Estado do Meio Ambiente.

Com o fim do projeto, espera-se que as associações e os beneficiários:

- se apropriem dos projetos;
- internalizem o conceito de SAF;
- os SAF sejam autossuficientes;
- que os SAF gerem complemento de renda às famílias

Uma questão levantada durante o traçado do rio da vida foi “como os pequenos podem vencer os grandes produtores? É preciso UNIÃO!”. Um exemplo citado foi o da CONAB, delineada, a princípio, para a comercialização de produtos oriundos de grandes produtores. Um outro caminho é o do processamento dos produtos dos pequenos agricultores – não comercializar apenas o produto in natura.

Os beneficiários se questionam: “E agora, acabou o projeto, como ficarei sem o apoio da associação para a manutenção do meu SAF?”.

---

#### **Grupo Técnico: PDRS e parceiros**

##### **Integrantes**

Helena Carrascosa- SMA

Neide Araujo- SMA

Edson Albaneze- SMA

Juliana Zacharias- SMA

Raquel Marcondes- SMA

Vivaldo Vigano- CATI

Luiz Octavio Ramos Filho- Embrapa

Dileia Santana- INCRA

João Dagoberto- ESALQ

Fernando S. Franco- UFSCAR/ Sorocaba

**Relator (a):** Elder Cezaretti

PDRS – Técnicos

(Helena – CBRN)

Nascente: 2005-6 a gente implantou o PRMC. A Cati estava finalizando o Microbacia I e o PRMC nasceu acoplado ao projeto de microbacias e foi aprendendo a olhar as coisas junto com a CATI,

cada um com seu ponto de vista. Aí o Estado e o Banco – projeto em conjunto. CATI acesso ao mercado. Restrições de produção dos agricultores. Áreas de fragilidade ambiental ou de interesse ambiental. Outra vertente deste projeto quais são as atividades que os produtores poderiam fazer nesses lugares. Edital 1: procuramos por inovação de uma maneira bem aberta. Espera que as propostas surgissem dos agricultores, mas não apareceu muito coisa. (“povo sabe o que quer, mas quer o que não sabe”). Segundo edital – SAF e na área de pequenos produtores rurais. Aí teve uma adesão de organização, de instituições ...

(Vivaldo – CATI– Limeira): Microbacia 1 já teve uma preocupação da sustentabilidade ambiental.

(Raquel – CBRN). O projeto da CAISP inicial foi buscar o reaproveitamento de folhas (muito resíduo)

(Helena – CBRN). CATI buscava viabilidade econômica, a CBRN não.

(Edson – CBRN) – Do Edital 1 para o Edital 2 foi uma evolução do rio ou um novo curso?

(Helena – CBRN) – Mudou de curso.

(Tavico – Embrapa): O Edital 1 eram muitas planilhas, burocracia no preenchimento que talvez dificultavam as propostas. O Edital 2 mais focado em SAF, tirou um pouco das dificuldades;

(Helena – CBRN) teremos que recuperar a APP. Então como? Como os agricultores vão recuperar? O SAF pareceu uma boa coisa.

(Helena) A responsabilidade de vc investir numa agroindústria, considerando as externalidades às vezes negativas, num SAF as externalidades são mais positivas

(Tavico) não restrição do SAF apenas em áreas protegidas foi um acerto. Os parâmetros estabelecidos no edital 2 menos restritivos favoreceu a implantação de SAFs mais produtivos.

(Dileia – INCRA) existe a viabilidade econômica dos SAFs?

(Neide) estamos fazendo um levantamento dos dados econômicos de 32 áreas e estamos avaliando, em termos de 60 dias teríamos os dados do implantado.

(Dileia) Movimentos sociais, ideologia de agroecologia, assentados, não usa de agrotóxicos. Muita energia de fazer acontecer o projeto.

(Helena): foi feito um trabalho de divulgação junto com INCRA, ITESP

(Fernando – UFSCAR). O projeto plantando águas anterior, Iniciativa Verde e Petrobras, contribuiu em Iperó para a sinergia do PDRS. Havia muito conhecimento técnico num dos lotes

(Neide) Dom Helder também teve um projeto antes financiado pela Petrobras. Esta sinergia foi bem importante

(Helena) o fim não é agora que implantou o projeto. É uma política pública.

(Elder – CBRN) A melhor forma de fazer uma política pública é conhecendo os projetos.

(Edson – CBRN) as dificuldades

(Helena – CBRN) nossas dificuldades técnicas, institucionais, ... não trabalhávamos com assistência técnica;

(Raquel – CBRN): Dificuldade das organizações em relatar o andamento do projeto. Retirada de parceiros.

(Juliana – CBRN): o gestor precisava por esforço maior, superando as dificuldades de infraestrutura da organização. Dificuldade do técnico. Muito trabalho para os técnicos. Dificuldade em reunir um número grande de produtores e áreas (45). Um número menor é melhor. Ainda mais quando falha administração, mas, fomos percebendo estas dificuldades: SAFs longe das casas, agricultores idosos, não era parte da rotina.

(João – ESALQ) visão conjuntural do tempo e do espaço. Esta lacuna não era da Secretaria do meio ambiente. É de responsabilidade do INCRA, do ITESP e da CATI. Não teve CATI fazendo extensão. O entendimento destas angústias é muito legítimo e rico, pois a CBRN virou uma fomentadora de agricultura, SAF. Saiu do comando e controle. Imagina se tivéssemos uma engenharia positiva e interinstitucional!

(Helena) Nossa função não é extensão. Mesmo porque não temos número de funcionários suficientes. A CBRN tem em torno de 100 técnicos. Nosso objetivo é a política pública

(Dileia) Fragilidade de vínculo muito pequena. O INCRA todo para assistência técnica no estado de SP são 5!? R\$ 12 milhões para o Brasil inteiro de assistência técnica para contratar terceiros. Perspectiva de orçamento é nula. A política de assistência técnica está eliminada no futuro. INCRA de mãos atadas. Existe vontade de superar.

(Raquel) A prioridade de Brasil é para exportação, grandes monoculturas e não os pequenos produtores.

(João) as pitangas são as mesmas que choramos. Mas de positivo: temos empoderamento das instituições. Juntamos de forma ousada restauração com produção. Criamos energia, musculatura, massa crítica, política e respeito; inclusive de réplica pro Brasil inteiro. Aprendizagem interna e das instituições. O PDRS tem uma falha de comunicação. O futuro está dado: não tem dinheiro para ater! Precisamos nos organizar, continuar fazendo: monitorar, ... E investir na comunicação. Divulgar interna e externamente. Não só para dar retorno para sociedade, mas para buscar parceiros, redes, sustentabilidade, não precisar bater na porta do banco novamente.

(Dileia) A perspectiva urbana de vida saudável se associa hoje com os pequenos agricultores familiares, assentados, produtos orgânicos. Uma pequena placa na frente do INCRA.

(Fernando) Painel Agroflorestal muito importante o surgimento do mesmo. Necessidade de monitorar, divulgar, sistematizar os dados e resultados. Construções de rede para sustentabilidade! PDRS catalisador para OCS (Certificação).

(Helena). Dificuldade das organizações na “compra/burocracia” com o dinheiro público. Houve muito esforço dos gestores e da administração na superação dos problemas. Do montante de recurso repassado apenas 0,1 % estão pendentes para resolução.

(Fernando) E a resolução de manejo de SAF?

(Helena) A Resolução é fruto do projeto. Precisamos publicá-la.

(Danilo) provavelmente este ano.

(Fernando) esta resolução é fruto do PDRS e importante para ter a regra para continuidade do SAF, do manejo do mesmo.

(Neide) E sobre as capacitações?

(Raquel) as capacitações internas foram importantes.

(Helena) E nas universidades, nos cursos técnicos, qual o perfil dos profissionais formados?

(Fernando) A carga horária em assistência técnica e agrofloresta, quando existem são reduzidas e restritas a poucos cursos.

(Raquel) poderíamos aproveitar o ressurgimento da CEA para pensar nas capacitações.

IV INTERCÂMBIO DO PROJETO DE DESENVOLVIMENTO RURAL SUSTENTÁVEL - PDRS  
 Local: São Pedro  
 Data: 18,19 e 20/09/2017

### ORGANIZAÇÕES

INSTITUIÇÃO	NOME	CONTATO	18/09/2017	19/09/2017 MANHÃ	19/09/2017 TARDE	20/09/2017
AKARUI	Vantilde Ribeiro	12 991 779027				
APROATE	Agnaldo Firmio Alves	9-73026492				
APROATE	Laura Victório Alves	(011) 4638-2625				
APRREN	Edson Maurilio Ibanhez	---				
ARDA	Leopoldo Norberto da Silva	994157184				
BEIRA RIO	Cilene Ribeiro Rufino	998011491				
BEIRA RIO	Josuel Rufino	998011491				
ENTRE AMIGOS	Elisete Alves Montoro	98120-5006(18)				
ENTRE AMIGOS	Adelmo Vicente Rocha	(18) 98120-5006				
ANTONIO CONSELHEIRO	Mônica C. P. Carvalho Marques	(14) 936757017				
ANTONIO CONSELHEIRO	Vânia Maria de Souza	(14) 999254813				
ANTONIO CONSELHEIRO	Daniel H. Ferreira do Nascimento	(14) 999007539				
ESTRELA DALVA	Edson Ferreira da Silva	(13) 9992221291				
ESTRELA DALVA	Manoel Getúlio de Queiroz Filho	18 981441334				
PEDRO DE TOLEDO	Josue Moreira	(13) 992522386				
PEDRO DE TOLEDO	Cornélio Tavares de Souza	(13) 992670341				
ENGENHO	Rafael Tenório	(18) 991337622				

IV INTERCÂMBIO DO PROJETO DE DESENVOLVIMENTO RURAL SUSTENTÁVEL - PDRS  
 Local: São Pedro  
 Data: 18,19 e 20/09/2017

### ORGANIZAÇÕES

INSTITUIÇÃO	NOME	CONTATO	18/09/2017	19/09/2017 MANHÃ	19/09/2017 TARDE	20/09/2017
SIMON	João Carnicel	14-09001-2586				
SIMON	João Ap. Correia Leite	(14) 9999 5732				
OURO VERDE	Joice Caroline F. Martins Vianna	(18) 99995 9624				
OURO VERDE	Maria Madalena Ferreira	(18) 991 310804				
CAISP	Raynaldine	—	—	—	—	—
DOM HELDER	Vandei J. Aguiar	16 9922 949171				
DOM HELDER	Christine Julie	(16) 99245 9913				
DOM HELDER	Rafaela	(16) 999554-9169				
NHUNGUARA	Adair Soares da Mota	13 3847 1399				
NHUNGUARA	Marina Soares	11				
COOPAFASB	Marcelo de Jesus F Rosa	—	—	—	—	—
COOPAFASB	Geraldo Xavier de Oliveira	—	—	—	—	—
-COOPERA	Anderson Luis M. Batista	(11) 98862-6132				
COOPERA	Marlucia de Fátima S. Santos	(09) 98862-6132				
ENTRE SERRAS	José Carlos de Souza	(11) 98520599				
ENTRE SERRAS	José Carlos de Lima	17-9 9654-2666				
COOPERECOS	—	—	—	—	—	—
COOPERECOS	—	—	—	—	—	—
COOPMAIO	Francisco Moreira de Souza	15 9966 6356				

IV INTERCÂMBIO DO PROJETO DE DESENVOLVIMENTO RURAL SUSTENTÁVEL - PDRS  
 Local: São Pedro  
 Data: 18,19 e 20/09/2017

### ORGANIZAÇÕES

INSTITUIÇÃO	NOME	CONTATO	18/09/2017	19/09/2017 MANHÃ	19/09/2017 TARDE	20/09/2017
COOPMAIO	Aparecida Lucélia G. S. M de Souza		Aparecida J S M S			
COOPMAIO	Jessie Gomes Santos Moreira		Jessie G S M S			
COPRIR	Elis Regina dos Santos	15 996222631	Elis Regina	Elis Regina	Elis Regina	Elis Regina
COPRIR	Sergio A. Nery	15 996310664	Sergio A Nery	Sergio A Nery	Sergio A Nery	Sergio A Nery
COPROCAM	Joice Lopes	14 991913713	Joice Lopes	Joice Lopes	Joice Lopes	Joice Lopes
COPROCAM	Andreia Lopes	14 991522305	Andreia Lopes	Andreia Lopes	Andreia Lopes	Andreia Lopes
COPROCAM	Wesllen dos Santos Novaes	14/99165 7166	Wesllen dos Santos Novaes			
IPE	Fernanda Romar da Silva	18/99660 5410	Fernanda Romar da Silva			
PAU BRASIL	Neusa Paviato Botelho Lima	16 999424908	Neusa Paviato Botelho Lima			
PAU BRASIL	Helena Maria G. da Silva	8 Helena	Helena Maria G. da Silva			
PAU BRASIL	Nivalda de J. Nascimento	392546346	Nivalda de J. Nascimento			
CoopFas b	Leiteirio Fomey Alves	131551286118	Leiteirio Fomey Alves	Leiteirio Fomey Alves	Leiteirio Fomey Alves	Leiteirio Fomey Alves
Renover	Rafael Romarato	14 99906832	Rafael Romarato	Rafael Romarato	Rafael Romarato	Rafael Romarato
Renover	Francisco Alves Denton Neto	14 99120005	Francisco Alves Denton Neto			



IV INTERCÂMBIO DO PROJETO DE DESENVOLVIMENTO RURAL SUSTENTÁVEL- PDRS  
 Local: São Pedro  
 Data: 18,19 e 20/09/2017

**CBRN**

NOME	CONTATO	18/09/2017	19/09/2017 MANHÃ	19/09/2017 TARDE	20/09/2017
Ana Maria de Godoy					
Dagoberto Meneghini					
Danielle Barbosa		Danielle Barbosa	Danielle Barbosa		
Danielle Petenon		-	-	-	-
Danilo Amorim		Danilo Amorim	-	-	-
Edson Albaneze R. Filho		Edson Albaneze R. Filho			
Egberto Casazza		Egberto Casazza	Egberto Casazza	Egberto Casazza	Egberto Casazza
Elder Stival Cezaretti		Elder Stival Cezaretti	Elder Stival Cezaretti	Elder Stival Cezaretti	Elder Stival Cezaretti
Ferranda Santos Fernandes		Ferranda Santos Fernandes	Ferranda Santos Fernandes	Ferranda Santos Fernandes	Ferranda Santos Fernandes
Gabriela Grizzo		Gabriela Grizzo	Gabriela Grizzo	Gabriela Grizzo	Gabriela Grizzo
Helena Carrascosa		Helena Carrascosa	Helena Carrascosa	Helena Carrascosa	Helena Carrascosa
Isaac Ribeiro de Moraes	isaac2@50.gov.br				
Juliana Zacharias	juiana_zac@44.gov.br	Juliana Zacharias	Juliana Zacharias		
Liliane Lobo	liliane_l@50.gov.br	Liliane Lobo	Liliane Lobo	Liliane Lobo	Liliane Lobo
Marina Eduarte	marinae@30.gov.br	Marina Eduarte	Marina Eduarte	Marina Eduarte	Marina Eduarte
Neide Araujo		Neide Araujo	Neide Araujo	Neide Araujo	Neide Araujo
Raquel Marcondes		Raquel Marcondes	Raquel Marcondes	Raquel Marcondes	Raquel Marcondes
Ricardo Borgianni		Ricardo Borgianni	Ricardo Borgianni	Ricardo Borgianni	Ricardo Borgianni



IV INTERCÂMBIO DO PROJETO DE DESENVOLVIMENTO RURAL SUSTENTÁVEL - PDRS  
 Local: São Pedro  
 Data: 18,19 e 20/09/2017

**PARCEIROS**

INSTITUIÇÃO	NOME	CONTATO	18/09/2017	19/09/2017 MANHÃ	19/09/2017 TARDE	20/09/2017
AKARUI	Ismael Soares Filho	(12) 99249 423				
MUTIRÃO	Denise Bittencourt Amador	-	-	-	-	-
IN CRA	Dileia Santana dos Santos	(11) 3823 8591				
ITESP	Edevando Moraes Ruas	(15) 991196651				
UFSCAR	Fernando Silveira Franco	(14) 99795-8655				
ESALQ	Germano Chagas	(13) 996739338				
ITESP	Gilmar Goes de Oliveira	18) 991337417				
IPE	Haroldo Borges	18-99125 8125				
ESALQ	Henrique Campos	19 98311 4808				
ITESP	João Barreto Nobre	(18) 3281-3900				
ESALQ	João Dagoberto dos Santos	19 996266942				
EMBRAPA	Joel Queiroga	19 983292898				
IN CRA	José Miguel Garrido Quevedo	11 3823 8532				
ITESP	Juarez Carlos de Souza	-	-	-	-	-
UNICAMP	Ligia Azevedo	-	-	-	-	-
EMBRAPA	Luiz Octavio Ramos Filho	19999251593				
ITESP	Marcelo Bento Nascimento da Silva	(13) 3871-1871				
IPE	Nivaldo Ribeiro Campos	(18) 981012228				

